

EXÍLIO CLERICAL E REDES DE COMUNICAÇÃO NA ÁFRICA VÂNDALA: O CASO DE FULGÊNCIO DE RUSPE

Giovan do Nascimento¹

Resumo

O presente artigo é uma discussão sobre os efeitos do exílio clerical sobre as redes de comunicação dos clérigos exilados na África Vândala. O artigo desenvolve um estudo de caso sobre um clérigo exilado pelo rei vândalo Trasamundo no final do ano de 508 ou início de 509, Fulgêncio de Ruspe, por meio de suas cartas, tratados, bem como de uma biografia sobre ele escrita por um de seus discípulos depois de sua morte, em 533. O problema que orienta o estudo consiste em indagar os diversos fatores que auxiliaram o aprofundamento e a expansão dos contatos de Fulgêncio com interlocutores importantes de localidades diversas do Mediterrâneo no exílio. Argumenta-se que a expansão das redes de comunicação de Fulgêncio no exílio dependeram de seus recursos sociais prévios, derivados de sua pertença a uma família de origens senatoriais, de relações diplomáticas entre Igrejas de localidades distintas, bem como de sua capacidade de aproveitar numerosas oportunidades concretas de comunicação que foram abertas a ele a partir de situações específicas.

Palavras-chave

Redes de Comunicação; Exílio Clerical; Antiguidade Tardia; África Vândala; Fulgêncio de Ruspe.

¹ Doutor em História Social – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: n.giovan@gmail.com.

Abstract

This article is a discussion of the effects of clerical exile on the communication networks of exiled clerics in Vandal Africa. The article develops a case study of a cleric who was exiled by the Vandal king Thrasamund in late 508 or early 509, Fulgentius of Ruspe, based on his letters, treatises, as well as a biography of him written by one of his disciples after his death in 533. The aspect that guides the study consists in investigating the various factors that helped the deepening and expansion of Fulgentius' contacts with important interlocutors from different locations in the Mediterranean during exile. We argue that the expansion of Fulgentius' communication networks in exile depended on his previous social resources, derived from his family of senatorial origins, from diplomatic relations between Churches from different localities, as well as from his ability to take advantage of numerous concrete communication opportunities that were opened to him in specific situations.

Keywords

Communication Networks; Clerical Exile; Late Antiquity; Vandal Africa; Fulgentius of Ruspe.

Introdução

O exílio de clérigos na Antiguidade Tardia despertou um crescente interesse de historiadores nos últimos anos. Essas migrações forçadas ocorreram nas controvérsias religiosas pela definição da ortodoxia cristã no período. Elas envolveram a construção de alianças entre as autoridades seculares, imperadores romanos e reis bárbaros, com lideranças cristãs pela afirmação de seus posicionamentos doutrinais como legítimos. Em um contexto marcado por divergências entre lideranças cristãs sobre as visões da doutrina que consideravam corretas (Lim, 1999: 196-219), a afirmação por parte das autoridades seculares das visões de algumas dessas lideranças como legítimas resultaram em condenações oficiais de outras. O exílio de clérigos foi instrumentalizado por essas autoridades para forçarem a conformação dos grupos cristãos sob seus domínios às visões doutrinais que elas consideravam corretas, afastando fisicamente clérigos que promoviam visões distintas da fé em determinadas Igrejas. Distanciados de suas comunidades cristãs, o exílio impossibilitava todo tipo de interação cotidiana entre as lideranças exiladas e seus fiéis, dificultando a promoção e a defesa de suas concepções doutrinais no cotidiano dessas comunidades e, desse modo, diminuindo a influência religiosa dos exilados na sociedade mais ampla.

Nos últimos anos, os estudiosos abordaram esse tema a partir de dois grandes interesses. Alguns buscaram entender as motivações das autoridades seculares, bem como os significados normativos do exílio de clérigos (por exemplo: Frighetto, 2019). Outros colocaram em perspectiva as experiências e as visões sobre o exílio dos próprios clérigos exilados. Nessa segunda abordagem, os estudiosos vêm buscando compreender as narrativas sobre o exílio construídas pelos exilados e seus apoiadores (por exemplo: Washburn, 2013: 41-65; Fournier, 2018; Barry, 2019), bem como as redes de comunicação ou círculos sociais aos quais esses clérigos se integraram no exílio.

No último caso, destaca-se o projeto *The Migration of Faith – Clerical Exile in Late Antiquity*, coordenado por Julia Hillner². O objetivo desse projeto consistiu na construção de uma ampla base de dados sobre as relações dos clérigos exilados na Antiguidade Tardia, bem como a aplicação da *Social Network Analysis* (“análise de redes sociais”) sobre esses dados para a construção de representações gráficas das redes de comunicação dos exilados. Em geral, o projeto de Hillner trouxe como finalidade a

² O projeto pode ser acessado pelo endereço eletrônico: <<https://www.clericalexile.org/>>.

compreensão dos efeitos do exílio sobre a transformação dos círculos sociais dos clérigos exilados, bem como sobre a própria transformação das Igrejas na Antiguidade Tardia (Hillner, 2016: 24-28).

Para além da utilidade do banco de dados, o grande mérito do projeto consiste em colocar as relações dos clérigos exilados em perspectiva. O exílio de clérigos, afinal, tratou-se de uma maneira de redução da influência religiosa dos exilados na sociedade por meio de seu isolamento eclesiástico. Isso nos leva a questionar: o que aconteceu com esses clérigos a partir do exílio e, por consequência, de sua colocação na clandestinidade eclesiástica? Onde eles foram exilados e com quem eles entraram em contato? Como a integração dos clérigos exilados a círculos de pessoas diversos poderia contribuir para uma reabilitação de sua influência religiosa, bem como para a defesa das visões cristãs que desencadearam seu exílio?

O objetivo deste artigo é observarmos a transformação das redes de comunicação de um clérigo exilado da África Vândala. Trata-se de Fulgêncio de Ruspe, exilado pelo rei vândalo Trasamundo em 508 por ser ordenado bispo na África contra a proibição a novas ordenações instituída pelo soberano. Esse caso é oportuno para a discussão porque, na África Vândala, Fulgêncio se trata do único clérigo que podemos acompanhar com detalhes a evolução de sua comunicação antes, durante e depois do exílio. Fulgêncio legou à posteridade um *corpus* substancial de cartas e tratados escritos por ele durante e depois de seus exílios. Além dessas cartas e tratados, temos acesso, também, a uma biografia sobre ele escrita por um de seus discípulos depois de sua morte, em 533, endereçada a Feliciano, seu sucessor na cadeira episcopal de Ruspe. A partir desses documentos (Fraipont, 1968; Isola, 1987; Eno, 1997; McGregor; Fairbain, 2013), discutiremos os efeitos do exílio nas redes de comunicação de Fulgêncio no Mediterrâneo, explorando os variados fatores que possibilitaram a ele construí-las.

A África Vândala e o exílio de Fulgêncio de Ruspe

Entre 439 e 533, as antigas províncias romanas da África do Norte permaneceram sob o controle dos vândalos. Os vândalos, por sua vez, confessavam uma doutrina cristã distinta daquela considerada correta pelo Império Romano. Trata-se da doutrina cristã “ariana”, que estabelecia uma relação entre o Pai e o Filho na Trindade distinta daquela oficializada como a doutrina do Império. No controle da África, as autoridades vândalas

estabeleceram medidas para promoverem essa doutrina na sociedade. Essas medidas foram desde a imposição do rebatismo aos cristãos no território africano como pré-requisito para sua participação na administração vândala até ataques à Igreja do Império, “nicena”, nas províncias africanas, caracterizados pelo confisco das propriedades eclesiásticas de suas lideranças, redistribuídas a clérigos arianos, o impedimento à ordenação de novos bispos nicenos na África e o exílio de muitos deles.

A despeito de a África Vândala ser marcada por repressões à Igreja nicena, nem todos os reis vândalos atuaram de maneira repressiva. Alguns deles ensaiaram medidas de conciliação religiosa entre arianos e nicenos (a exemplo de Guntamundo: *Lat. Reg. Vand. Aug. 9*). Os únicos reinados marcados por repressões sistemáticas ordenadas pelas autoridades vândalas contra a Igreja nicena ocorreram sob os reinados de Hunerico e de Trasamundo.

O reinado do primeiro ficou marcado pela instituição de dois banimentos coletivos de clérigos e de outros membros da Igreja nicena entre os anos de 482-489 (Vic. Vit. II, 10, 13-15, 23, 26), bem como pela organização de um concílio religioso em Cartago que teve como resultado a condenação oficial dos nicenos como “heréticos”, em 489, resultando em um ano de grande endurecimento da repressão religiosa por meio da aplicação das leis anti-heresia previstas no Código Teodosiano contra eles (Fournier, 2013: 395-409). O reinado do segundo, por sua vez, ficou marcado por algumas medidas repressivas mais brandas contra as lideranças nicenas. O soberano vândalo instituiu uma proibição à ordenação de novos bispos nicenos na África (*Vita Fulg. Rusp. 13, 1*). As lideranças nicenas, no entanto, entraram em deliberação e concordaram em resistir a essa proibição, presidindo a ordenação de novos bispos na antiga província romana da Bizacena (*Vita Fulg. Rusp. 13, 2*). Em retaliação, Trasamundo decretou o exílio das cercas de 60 ou 200 lideranças recentemente ordenadas na África (*Vita Fulg. Rusp. 17, 1*; Vict. Tunn. Chron. [M.G.H., a.a., 11, p. 1990 apud Móderan, 1993: 170, nota151]). Elas foram banidas para a Sardenha e lá permaneceram até a ascensão de Hilderico ao poder em 523, que revogou as medidas repressivas contra os nicenos decretadas nos reinados que o antecederam.

Fulgêncio, ordenado bispo na antiga cidade africana de Ruspe, foi um dos clérigos exilados por Trasamundo, no final de 508 ou início de 509. Em seu exílio, permaneceu com companheiros exilados, clérigos de sua Igreja de Ruspe e monges nas proximidades de Cagliari, a capital da ilha. Nesse

período, atuou como “porta-voz” de outros exilados, escrevendo cartas em nomes deles para interlocutores diversos do Mediterrâneo (*Vita Fulg. Rusp.* 18, 1). Entre 513 e 515, Fulgêncio retornou e permaneceu na África sob convocação do rei Trasamundo, para que ambos debatessem as questões que dividiam nicenos e arianos na África (*Vita Fulg. Rusp.* 20, 2). Nesse período, estabeleceu-se em Cartago, a capital do Reino Vândalo, escreveu dois tratados contra os argumentos religiosos do rei Trasamundo (*ad. Tras.; trin.*), outros tratados contra clérigos arianos da capital (que não chegaram até nós: *Ad. Pint.*, mencionado em: *Vita Fulg. Rusp.* 21, 2), bem como pregou aos cristãos da cidade (*Vita Fulg. Rusp.* 21, 3-4). Por pressão dos clérigos arianos da capital, Fulgêncio foi exilado novamente em Cagliari, onde permaneceu até a ascensão de Hilderico ao poder. No segundo exílio, Fulgêncio escreveu cartas em nome dos exilados e, também, por si próprio, a interlocutores diversos da África, da Península Itálica, bem como do Oriente.

O problema que orienta este artigo consiste em compreendermos a evolução dessa comunicação exílica de Fulgêncio, os diversos fatores que a influenciaram. Fulgêncio, nesse sentido, ocupou sempre uma posição de centralidade na sociedade africana. Ele descendia de Gordiano, um antigo membro da curia de Cartago que se refugiou na Itália quando a África foi conquistada por Genserico. Mais tarde, seus filhos retornaram à África para reivindicarem as propriedades de sua família confiscadas pelos vândalos. Cláudio e Mariana, em particular, conquistaram uma restauração parcial dessas propriedades na antiga Bizacena, na cidade de Thelepte (*Vita Fulg. Rusp.* 1, 4; *Gordianus I*, PLRE. II. p. 517-518). Fulgêncio, o filho deles, logo depois da morte de seu pai, ainda em sua juventude, adquiriu a posse legal dessas propriedades e passou a administrá-las, conquistando um cargo na própria administração vândala como *procurator* (*Vita Fulg. Rusp.* I, 5). Por intermédio de Fausto, um bispo africano que fora exilado, provavelmente, sob o reinado de Hunerico nas proximidades da cidade onde atuava, bem como da cidade natal de Fulgêncio, Thelepte, ele decidiu abandonar suas obrigações seculares para seguir a vocação de monge (*Vita Fulg. Rusp.* III, 1). Fulgêncio, então, transferiu suas propriedades para Mariana, sua mãe, e iniciou uma trajetória monástica que gradualmente lhe conferiria autoridade religiosa até ser eleito e ordenado bispo na cidade de Ruspe.

O histórico de Fulgêncio explica parte de suas iniciativas no exílio. Ele pertencia a uma família rica e poderosa, o que lhe assegurou influência e acesso a círculos de pessoas proeminentes desde cedo. Ainda na África, por exemplo, as iniciativas monásticas de Fulgêncio, os mosteiros que ele

presidiu a construção, tiveram o auxílio de aristocratas importantes do território. Esse é o caso de Silvéstrio, descrito pelo biógrafo de Fulgêncio como “o homem mais distinto da Bizacena”, que lhe doou um terreno onde iniciou a construção de um mosteiro, nas proximidades da cidade de Junga (*Vita Fulg. Rusp. X*, 1: *provinciae Byzacena primario*). Além dos investimentos materiais, Fulgêncio usufruiu, também, da proteção de pessoas ligadas ao centro do poder vândalo. Em uma iniciativa de Fulgêncio e de Félix, um de seus amigos de juventude com o qual, então, dividia a liderança de um monastério, de deslocar sua comunidade da antiga Bizacena para a antiga Proconsular, o centro do poder vândalo na África, Fulgêncio foi protegido por um bispo ariano.

Isso ocorreu depois de Fulgêncio e de Félix, por meio de suas atividades missionárias na Proconsular, rivalizarem e serem reprimidos por um pregador ariano que detinha influência nas proximidades da antiga cidade de Sicca Venerea. Esse pregador buscou interromper as atividades de Fulgêncio e de Félix por meio da captura e da tortura deles (*Vita Fulg. Rusp. VI*). No entanto, tão logo as notícias do evento chegaram à Cartago, um “bispo dos arianos” (não nomeado pelo biógrafo de Fulgêncio), a cuja diocese o pregador ariano pertencia, ofereceu a oportunidade a Fulgêncio de denunciar o pregador para que ele sofresse as represálias cabíveis (*Vita Fulg. Rusp. VII*, 1). Nesse caso, o biógrafo de Fulgêncio informa que o pregador fora motivado pelas suas relações próximas com a família de Fulgêncio, indicando que ele colocou suas lealdades aristocráticas acima de suas divergências religiosas.

No exílio, Fulgêncio redigiu cartas a interlocutores igualmente poderosos, de outras regiões do Mediterrâneo, a exemplo de membros de antigas famílias senatoriais da Península Itálica. Susan T. Stevens construiu a hipótese de que esses contatos de Fulgêncio eram, em sua maioria, prévios, decorrentes de sua pertença a uma família aristocrática de origens senatoriais (1982). Ao estudarmos a natureza das relações epistolares de Fulgêncio no exílio, entretanto, uma visão mais nuançada será proposta a essa hipótese, sem, no entanto, a invalidá-la. Veremos, com efeito, que a comunicação exílica de Fulgêncio se beneficiou de sua posição e relações sociais prévias. No entanto, nem todos os seus interlocutores exílicos lhes eram previamente conhecidos, com suas conexões dependendo de outros fatores.

A comunicação de Fulgêncio na Sardenha

Não possuímos escritos de Fulgêncio com interlocutores da Sardenha. O estudo de sua comunicação com pessoas no território depende do relato de seu biógrafo. A partir de sua biografia, possuímos indícios de que a conquista de uma boa reputação e o desenvolvimento de laços com interlocutores importantes da localidade dependeram de fatores diversos, marcando uma verdadeira novidade em sua trajetória.

Na Sardenha, Fulgêncio é descrito pelo seu biógrafo atuando de três maneiras: em primeiro lugar, como “porta voz” de outros exilados, Fulgêncio escreveu cartas (que não chegaram até nós) a partir das quais discutia e interferia nos problemas de comunidades cristãs diversas (*Vita Fulg. Rusp. XVIII*, 1-2). Em segundo lugar, Fulgêncio e outros exilados constituíram um monastério onde conviviam bispos exilados, clérigos e monges. Esse primeiro monastério não possuía uma estrutura material reconhecível (*Vita Fulg. Rusp. XIX*). Em terceiro lugar, no retorno ao exílio depois de sua estadia em Cartago, Fulgêncio e outros pares conquistaram outro espaço na Sardenha, nos subúrbios da capital de Cagliari, onde construíram um segundo mosteiro (*Vita Fulg. Rusp. XXIV*, 1). É provável que esse mosteiro, à diferença do anterior, possuía uma estrutura material reconhecível.

As atividades de Fulgêncio em Cagliari, em geral, sugerem um período de adaptação a uma circunstância nova. Na função de “porta voz” dos exilados, ele atuou em benefício seu e de outros clérigos, sugerindo um primeiro momento de adaptação à condição exílica partilhada com eles. É provável que a escolha de Fulgêncio para a escrita dessas cartas decorria de seus recursos prévios. Desde cedo, com efeito, Fulgêncio foi educado no grego e no latim por intermédio de Mariana, sua mãe (*Vita Fulg. Rusp. I*, 2-3). Ele deveria possuir um destaque prévio entre os exilados, uma vez que Trasamundo o elegeu como convidado para a realização de seus debates.

A construção dos mosteiros em Cagliari, por sua vez, indica um aprofundamento nas relações entre Fulgêncio e os exilados com pessoas importantes da localidade. Em particular, a construção do segundo mosteiro de Fulgêncio e de seus pares ocorreu por permissão de Primásio, a liderança nicena vigente na capital de Cagliari. O biógrafo informa que o mosteiro foi construído onde existia espaço disponível na cidade (*Vita Fulg. Rusp. 24, 1*). No entanto, esse mosteiro se localizava próximo a um centro de culto importante da cidade, a igreja de São Saturnino, um santo local. O espaço disponível, portanto, deveria ser marcado pela forte de atração de

fiéis em suas redondezas para a celebração do culto desse santo, mantendo o grupo de Fulgêncio em grande proximidade física com esses fluxos.

É provável que o estabelecimento da relação entre Fulgêncio e Primásio fosse influenciado pelas atividades e crescente visibilidade adquirida pelo primeiro no território. No entanto, os clérigos da Sardenha mantinham contatos prévios com os clérigos africanos em torno das próprias controvérsias que resultaram no exílio dos segundos. Podemos conferir essa relação no “Registro das Províncias e Cidades da África”, um documento preparado no contexto da conferência de Cartago de 489, organizada pelo soberano Hunerico, que listava os clérigos nicenos que participaram dela. A maior parte dos clérigos pertencia às antigas províncias romanas da África. No entanto, são mencionados cinco clérigos das principais dioceses da Sardenha que participaram da conferência em defesa aos nicenos africanos (*Not. Prov. Civ. Afr. Sard.*), indicando relações colaborativas prévias entre as lideranças nicenas da Sardenha e da África que poderiam, por sua vez, serem decisivas para o apoio prestado pelos exilados em Cagliari para muito além da posição de Fulgêncio na sociedade mais ampla.

Os interlocutores de Fulgêncio na África

A África é o território de onde Fulgêncio foi exilado e, também, onde sua alta posição social era reconhecida. No entanto, a história de sua família e dele próprio antes do exílio indica uma dificuldade de comunicação religiosa no centro do poder político e econômico do território, a antiga província romana da Proconsular, com sua capital em Cartago. Gordiano, avô de Fulgêncio e membro da curia de Cartago, fugiu da localidade (*Vita Fulg. Rusp. I, 1*) e, mais tarde, os pais de Fulgêncio conquistaram uma restauração parcial de suas propriedades na Bizacena, província vizinha à Proconsular (*Vita Fulg. Rusp. I, 2*). Na condição de monge e abade africano, Fulgêncio e Félix, mesmo usufruindo da colaboração de um bispo ariano, foram espancados por um pregador rival nesta província, nas proximidades de Sicca Venerea. Eles decidiram, então, deslocarem-se para uma localidade distinta (*Vita Fulg. Rusp. VII, 1*).

Durante o exílio, Fulgêncio foi convocado por Trasamundo para retornar à África. Nesse período, ele permaneceu hospedado na capital da Proconsular, a cidade de Cartago. Então, ele escreveu e colocou em circulação pela cidade dois tratados que contrariavam os argumentos

religiosos do rei Trasamundo (*ad. Tras.; trin.*), bem como escreveu contra clérigos arianos da capital (*Ad. Pint.*).

Depois de ser exilado, mais uma vez, na Sardenha, Fulgêncio manteve uma comunicação à distância com pessoas de Cartago. Esse é o caso de Ferrando, diácono niceno na capital, que estabeleceu uma troca de cartas duradoura com Fulgêncio (*Ep. 11; Ep. 12; Ep. 13; Ep. 14*). A primeira carta de Ferrando endereçada a Fulgêncio data, provavelmente, do segundo exílio de Fulgêncio (*Ep. 13*). Ferrando realizava uma série de questionamentos doutrinais a Fulgêncio, na qualidade de um verdadeiro aprendiz, aos quais Fulgêncio respondeu. Quando Fulgêncio, provavelmente, retornou de seu segundo exílio à África, com a ascensão de Hilderico ao poder, Ferrando solicitou esclarecimentos a Fulgêncio sobre como proceder em um caso controverso em sua Igreja (*Ep. 11*).

É provável que toda essa comunicação de Fulgêncio com interlocutores cartagineses fosse influenciada pela sua posição social reconhecida no território, sobretudo sua convocação de retorno realizada por Trasamundo. O que vemos nas atividades de Fulgêncio em Cartago, por sua vez, é um esforço para aproveitar a oportunidade para difundir suas ideias religiosas e reforçar seus laços com pessoas da localidade. A respeito de Trasamundo, como observado por Robin Whelan (2018: 162-163), embora os tratados de Fulgêncio contrariassesem seus argumentos religiosos, eles ficaram marcados por uma linguagem formal de verdadeiro reconhecimento da soberania do rei vândalo, sugerindo um ensaio de conciliação. Por outro lado, a colocação de seus tratados em circulação para além de Trasamundo indica uma iniciativa de comunicação coletiva com os fiéis da localidade empreendida por Fulgêncio.

É provável que esse esforço tenha resultado na ampliação de sua comunicação com interlocutores importantes da localidade. Isso é sugerido pela sua comunicação contínua com Ferrando. Embora o segundo fosse somente um diácono, ele exercia o ofício na própria capital do Reino e, por meio de suas correspondências, mais tarde, Fulgêncio adquiriu autoridade suficiente para opinar em assuntos internos daquela Igreja. A partir do exílio e, sobretudo, do convite que lhe foi realizado por Trasamundo, portanto, Fulgêncio iniciou uma superação dos limites de comunicação religiosa que ele enfrentou antes do exílio, difundindo suas palavras e aprofundando suas relações no próprio centro do poder vândalo na África.

Os interlocutores de Fulgêncio na Península Itálica

Uma grande parte das cartas do exílio de Fulgêncio foram endereçadas a interlocutores da Península Itálica. Esses interlocutores estiveram na base da hipótese de Susan Stevens. Com efeito, muitos pertenciam a famílias senatoriais e Fulgêncio escreveu a eles em termos familiares, oferecendo-lhes aconselhamentos espirituais em circunstâncias diversas, bem como deixando a entender uma relação de longa data. Esses são os casos, por exemplo, de Teodoro (*Ep. 6; PLRE II. 1097-1098*), cônsul entre 505 e 526, e de Proba, descendente de uma família de cônsules (*Ep. 3; Ep. 4; PLRE II. 907*).

No entanto, quando olhamos de perto o conteúdo dessas cartas, observamos que nem todos os correspondentes italianos de Fulgêncio lhes eram previamente conhecidos. Esse é o caso, por exemplo, de Galla. Galla (*Galla 5, PLRE II. 491*) era uma rica aristocrata, filha de Quinto Aurélio Símaco, cônsul em 485 sob o governo de Odoacro, que se tornara viúva, herdando as propriedades de seu falecido marido. A troca epistolar de Fulgêncio com ela ocorreu depois de o primeiro ser informado sobre sua viuvez por intermédio de um diácono de sua comunidade. Esse diácono passou um tempo na cidade de Roma, tomou conhecimento do ocorrido e, então, informou a Fulgêncio sobre o falecimento do marido de Galla (*Ep. 2, 1*). A partir dessa informação, Fulgêncio escreveu a ela uma carta na qual lamentava o falecimento de seu marido e lhe prestava consolo espiritual. No entanto, Fulgêncio parecia ter outra preocupação. O marido de Galla realizara um voto religioso recentemente e Fulgêncio temia que, com sua morte, Galla não o mantivesse. Em sua carta, Fulgêncio lhe advertia sobre as seduções do mundo, às quais ela não deveria ceder, não gastando suas fortunas com coisas materiais. Ele mencionava, também, uma interlocutora comum como exemplar: Proba (*Ep. 2, 31*), que se tornara freira sob a tutela dos pares de Fulgêncio e era uma amiga próxima de Galla. Com essas advertências e menção, Fulgêncio tinha a expectativa de que Galla se mantivesse no caminho espiritual de seu falecido marido, revertendo suas fortunas em benefício da Igreja.

Galla, com efeito, integrou o mosteiro de São Pedro em Roma no futuro. Na carta enviada por Fulgêncio a ela, à diferença de outras, entretanto, não possuímos qualquer indício de uma anterioridade ou continuidade em sua comunicação. Esse caso sugere, portanto, que nem todos os correspondentes italianos de Fulgêncio lhes eram conhecidos previamente. É provável que seu acesso a uma pessoa como ela derivava de sua posição na sociedade mais ampla, descendente de senadores e, também, próximo a pessoas do círculo social de Galla. O que a carta de Fulgêncio nos mostra, por outro lado, é seu investimento ativo na expansão de seus laços com

interlocutores do tipo no exílio. Além disso, observamos Fulgêncio aproveitando uma oportunidade, o falecimento do marido de Galla e sua situação de viudez, para se aproximar dela e, também, influenciá-la em favor da Igreja de seus pares.

Os exilados por Trasamundo e os monges do Oriente

Além dos interlocutores da Sardenha, África e Península Itálica, Fulgêncio se correspondeu, também, com monges da cidade de Cítilia, no Oriente. Essa comunicação ocorreu durante uma estadia desses monges na cidade de Roma. Os monges se deslocaram até a cidade em uma iniciativa de conquista de apoiadores ocidentais em controvérsias religiosas que eles promoveram no Oriente. Essas controvérsias versavam sobre a natureza de Cristo e trouxeram problemas aos monges em relação à Igreja nicena de Constantinopla. O problema não era a natureza das ideias que eles defendiam, mas o fato que eles promoveram debates acerca de questões cristológicas em um período diplomático inconveniente entre as Igrejas de Constantinopla e de Roma, que haviam recentemente reatado sua aliança depois de um longo período de ruptura.

A ruptura entre essas Igrejas fora desencadeada por circunstâncias derivadas dos mesmos debates cristológicos que os monges de Cítilia promoviam. Esses debates estiveram na base de um longo histórico de divisões eclesiásticas no Oriente, sendo intensificadas com o resultado do concílio ecumênico da Calcedônia de 451, que definiu uma concepção cristológica ambígua que desagradou os diferentes partidos cristãos orientais divergentes. O imperador no Oriente, Zenão, buscou atuar de maneira conciliatória, publicando uma confissão de fé que reafirmava a autoridade dos concílios de Nicéia, de Constantinopla e de Éfeso, sem fazer referências ao concílio da Calcedônia. No Ocidente, entretanto, a Igreja de Roma interpretou esta confissão como uma rejeição à autoridade daquele concílio, cuja legitimidade deveria ser reconhecida por ambas as Igrejas, conduzindo-a a romper com a Igreja de Constantinopla. O reconhecimento público da autoridade do concílio da Calcedônia e, assim, o restabelecimento da aliança entre as Igrejas de Constantinopla e de Roma aconteceu apenas sob o governo de Justino. É bastante possível, portanto, como Roy McGregor observou (2013: 16-20), que tanto as autoridades eclesiásticas de Roma quanto as de Constantinopla viam as controvérsias promovidas pelo monges como um risco potencial à frágil cicatrização do cisma.

Em Roma, os monges buscavam o reconhecimento de interlocutores importantes. Entre esses interlocutores, eles escreveram aos africanos exilados na Sardenha, explicando as circunstâncias em que se encontravam e buscando o reconhecimento dos exilados sobre suas ideias religiosas. Nesse caso, portanto, os monges pareciam reconhecer de antemão a autoridade religiosa dos exilados africanos. Por outro lado, eles também abriram aos exilados uma oportunidade de comunicação com uma audiência oriental mais ampla. Na primeira carta que os monges escreveram aos exilados, com efeito, eles prometeram que, no caso de os exilados reconhecerem a legitimidade de suas ideias, os cristãos do Oriente iriam se alegrar (*Ep. 16, I, 1*), deixando subentendido que o reconhecimento de suas ideias pelos exilados seria amplamente divulgado. Além disso, é possível que Fulgêncio, em particular, via na comunicação com os monges uma oportunidade de divulgação da causa dos exilados africanos no Oriente. A primeira carta que ele escreveu aos monges foi na condição de “porta voz” de um grupo maior de exilados (*Ep. 17*). Entretanto, depois de retornar em definitivo à África, Fulgêncio escreveu seu tratado “Sobre a verdade da fé e da predestinação” para João Maxêncio, o líder dos monges de Cítilia (*Ep. 15*), por iniciativa própria.

À diferença do restante do *corpus epistolar* de Fulgêncio, as cartas trocadas com os monges de Cítilia são as únicas nas quais o exílio é mencionado. Na primeira carta, datada do ano de 519, Fulgêncio mencionava que se alegrava pelos monges empreenderem uma investigação sobre as “razões secretas” de seu exílio (*Ep. 17, 1, [I]: agnoscenda nostri excilii secreta perquirere*). Na segunda carta de Fulgêncio aos monges, de 523, quando ele retornou à África, Fulgêncio afirmava que as cartas que eles trocaram no passado aliviaram as dores do exílio (*Ep. 15, 2*). Embora o exílio não seja o tema das cartas, essas menções sugerem conversas informais entre os correspondentes a respeito de suas causas. Em conjunto à promessa feita pelos monges de divulgação dos exilados para uma audiência oriental, é possível que Fulgêncio e seus pares tenham visto na comunicação com os monges uma oportunidade de difusão de sua própria causa no Oriente.

Esse caso é interessante porque se tornou uma hipótese comum entre os estudiosos da África Vândala que os exilados africanos se esforçaram para difundir a causa dos exilados no Oriente para conquistar apoiadores imperiais. A comunicação entre Fulgêncio e os demais exilados africanos com os monges, por sua vez, nos mostra as circunstâncias particulares que poderiam favorecer esse trabalho narrativo. Entretanto, é igualmente importante observarmos que, no período em que a comunicação foi

iniciada, nada estava decidido, e os próprios monges não possuíam o reconhecimento das Igrejas nicenas de Constantinopla e de Roma.

Considerações finais

A comunicação de Fulgêncio no exílio sugere alguns efeitos positivos para o restabelecimento de sua autoridade religiosa, bem como para a divulgação da causa dos exilados africanos para múltiplas audiências. Nesse sentido, Fulgêncio expandiu e reforçou seus laços com correspondentes de localidades distintas, de sua terra de exílio, a Sardenha, da Península Itálica e do Oriente. Além dos interlocutores dessas localidades, a oportunidade de retorno à África aberta por Trasamundo também possibilitou a Fulgêncio difundir suas palavras no centro do poder vândalo, a capital de Cartago, na província da Proconsular, onde Fulgêncio, antes do exílio, encontrou dificuldades para o desenvolvimento de suas atividades religiosas.

O que observamos a partir de seus documentos é que essa expansão das redes de comunicação de Fulgêncio não se tratou de um efeito automático do exílio, nem tampouco somente de seus recursos familiares prévios. Ela dependeu da confluência de múltiplos fatores, oportunidades diversas construídas a partir de situações específicas. É verdade, nesse sentido, que a comunicação religiosa de Fulgêncio no centro do poder vândalo na África tomou forma entre seus exílios. A convocação de retorno de Fulgêncio à África, por sua vez, pode ter dependido de um destaque social prévio de Fulgêncio entre seus companheiros exilados. No entanto, a partir de Cartago, Fulgêncio empreendeu um verdadeiro esforço de difusão de suas palavras e, por consequência, de estabelecimento ou reforço de seus laços na capital vândala. Quanto aos seus correspondentes na Península Itálica, eles partilhavam com Fulgêncio uma situação familiar semelhante, cônsules ou descendentes de cônsules, muitos deles pertenciam aos círculos senatoriais e eram previamente conhecidos por Fulgêncio. A partir desses recursos prévios, na situação de exílio, Fulgêncio parece ter atuado para aprofundar e, também, para expandir esses laços. Na Sardenha e com relação aos monges de Cítilia, por sua vez, os recursos familiares de Fulgêncio não parecem ter sido determinantes para suas interlocuções. Pelo contrário, elas dependeram, no primeiro caso, de uma colaboração prévia entre as Igrejas nicenas da África e da Sardenha, bem como, no segundo caso, de um reconhecimento prévio pelos monges de Cítilia da autoridade religiosa dos exilados africanos como conjunto.

Esses fatores sugerem, portanto, que mais do que representar as redes de comunicação dos clérigos exilados no período, é oportuno para as investigações sobre o tema um estudo detalhado das condições e das estratégias mobilizadas pelos exilados para a difusão de sua causa e reconhecimento de sua autoridade perante múltiplas audiências. Neste artigo, investigamos alguns dos fatores e das ações de um clérigo particular, Fulgêncio de Ruspe. Fulgêncio, por outro lado, pode ter se destacado entre seus companheiros exilados por numerosos fatores. Além disso, as formas como ele buscou conquistar potenciais aliados ocorreram a partir de estratégias mobilizadas por ele em situações bastante específicas. Isso nos chama atenção para o fato que, se Fulgêncio pôde reforçar e expandir seus laços com pessoas importantes de localidades diversas do Mediterrâneo no exílio, para outros clérigos exilados, as condições para a realização desse trabalho poderiam ser distintas. Não deve ser aleatório, nesse sentido, que entre os 60 ou 200 bispos exilados por Trasamundo na Sardenha, temos acesso às palavras e ações de somente um deles.

Bibliografia

Fontes

- ENO, Robert. B.(trad.). *Fulgentius: Selected Works. The Fathers of the Church*, v. 95. Washington, D.C: Catholic University of America, 1997.
- FRAIPONT, J.(éd.). *Sancti Fulgentii Episcopi Ruspensis opera. Corpus Christianorum Series Latina*, 91, 91A. Turnholt: Brepols, 1968.
- ISOLA, A.(trad.). *Vita di San Fulgenzio*. Rome: Città Nuova, 1987.
- LANCEL, S.(trad.). *Histoire de la persécution vandale en Afrique : suivie de La passion des sept martyrs, Registre des provinces et cités d'Afrique*. Collection des universités de France,Série Latine, v. 368. Paris: Belles Lettres, 2002.
- MCGREGOR, R. R.; FAIRBAIRN, D.(trad.). *Fulgentius of Ruspe and the Scythian Monks: Correspondence of Christology and Grace*. The Fathers of the Church, v. 126. Washington, D.C.: The Catholic University of America. 2013.

ROSOLEN JUNIOR, G.(trad.). Cronistas do Reino Vândalo: uma tradução sugestiva para o *Laterculus regum Vandalarum et Alanorum*. *Revista de Fontes*, v. 07, n. 12. p. 456-469, 2020.

Referências bibliográficas

BARRY, Jennifer. *Bishops in Flight: Exile and Displacement in Late Antiquity*. Oakland: University of California, 2019.

FOURNIER, Éric. *Victor of Vita and the Vandal "Persecution": Interpreting Exile in Late Antiquity*. 2008. Tese (PhD Dissertation in Philosophy) - Department of History. University of California. Santa Barbara.

FRIGHETTO, Renan. *Exílio e Exclusão Política no Mundo Antigo: de Roma ao Reino Godo de Tolosa*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

HILLNER, Julia; OLRICH, Jörge, J; ENGBERG, Jakob. *Clerical Exile in Late Antiquity*. New York: Peter Lang, 2016.

MARTIN JONES, Arnold Hugh; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, Jones. *The Prosopography of the Later Roman Empire*, v. II. Cambridge: Cambridge University, 1980.

MÓDERAN, Yves. La chronologie de la Vie de saint Fulgence de Ruspe et ses incidences sur l'histoire de l'Afrique vandale. *Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité*, tome 105, p. 138-188, 1993.

STEVENS, Susan. T. The Circle of Bishop Fulgentius. *Traditio*, 38. p. 327-41, 1982.

WASHBURN, Daniel. A. *Banishment in the Later Roman Empire, 284-476 CE*. New York: Routledge, 2013.

WHELAN, Robin. *Being Christian in Vandal Africa: The Politics of Orthodoxy in the Post-Imperial West*. Oakland: University of California, 2018.